

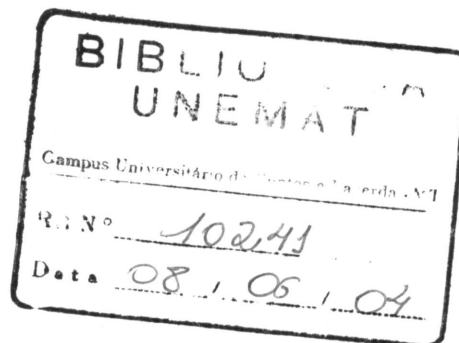
ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
SUPERIOR

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ORALIDADE E ESCRITA: A COMPLEXIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA

CLAUDINÉIA MARTINS DE OLIVEIRA ANDRADE



PONTES E LACERDA -MT

2003

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA ESTADO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO
SUPERIOR

UNIVERSIDADE ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ORALIDADE E ESCRITA: A COMPLEXIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA

ENSAIO MONOGRÁFICO APRESENTADO
COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
LETRAS – UNEMAT – CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
MT. ORIENTADORA: DENISE IBANHÊS
BERQUÓ

PONTES E LACERDA-MT

2003

Agradeço à minha orientadora professora
Denise Ibanhês Berquó, a qual teve muita
paciência e compreensão durante este trabalho.

Dedico este ensaio monográfico a todos da minha família. em especial à minha filha, Natany Karollyne, pois teve a compreensão de ficar ausente no período noturno todos esses anos e também à minha amiga Érica Gajardoni, que nos momentos difíceis esteve ao meu lado.

... a escrita é completa e irremediavelmente artificial, enquanto a fala é um processo natural, fazendo uso dos meios assim chamados órgãos da fala.(AKINNASO)

SUMÁRIO

Introdução	7
Fundamentação Teórica	8
Procedimento Metodológicos	17
A Complexidade da Língua Portuguesa	19
Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	30
Anexos	32

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste ensaio monográfico se concretizou diante da dificuldade que os alunos têm em relação à leitura e à escrita.

Nesta pesquisa usaremos alguns teóricos que abordam sobre o assunto em questão, tais como: Solange Gallo, Eni Orlandi, Magda Soares, Mário Perini e Jânia A. Ramos.

O texto será dividido em duas partes, a primeira menciona o pensamento dos estudiosos que subsidiam-nos e a segunda trata-se de uma análise de textos escritos¹ e par adjacente.

Esclarecemos que os textos orais e escritos são de alunos que cursam a 1ª fase do 3º ciclo, com faixa etária entre 13 e 15 anos, os mesmos são de classes sociais diversificadas e pertencem à Escola Estadual Vale do Guaporé, na região urbana do município de Pontes e Lacerda.

Objetivamos através desta pesquisa encontrar explicações para os problemas detectados no processo da relação entre fala e escrita e assim desvendar o porquê desse distanciamento entre os alunos e os livros e até mesmo o medo que os discentes têm da escrita, uma vez que isso repercute negativamente no desempenho escolar. E além disso limita o universo de informações gerais e de aquisição cultural do indivíduo.

Temos ainda a intenção de esclarecer quais os recursos que devemos aplicar para que esta problemática comunicativa seja amenizada, isto porque acreditamos que os discentes consigam desenvolver uma habilidade de produção textual com bom desempenho, tanto na escrita quanto na oralidade.

¹ Anexos

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No campo da linguagem existem três concepções, as quais iremos tratar a seguir: concepção da linguagem como expressão do pensamento que se constitui no momento em que as pessoas se expressam bem, pois elas não pensam que a sua linguagem não é afetada pelo meio social ao qual estão inseridas. No entanto para se expressar cada indivíduo depende dele mesmo.

Travaglia descreve assim:

A enunciação é ato monológico, individual, que não é afetada pelo outro nem pela circunstância que constitui a situação social acontece. As leis da criação lingüística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de linguagem articulada e organizada (TRAVAGLIA, 1997, p. 21).

Na segunda concepção de linguagem o meio social é considerado um instrumento de comunicação primordial, com o objetivo de contribuir para a prática discursiva entre os falantes, neste sistema pode dizer que para a comunicação existir em primeiro lugar precisamos da expressão oral de dois indivíduos, que conheçam o meio social do outro, ou seja, precisam se interagir constantemente no ato da fala.

Entretanto assim que ele vai passar a mensagem já tem em mente o que quer dizer ao outro, com isso haverá uma compreensão entre os falantes. Dessa maneira:

Esse código deve, portanto ser dominada pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua é um ato social, envolvendo conseqüentemente pelo menos duas pessoas, é necessário que o código seja utilizada de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação se efetive (TRAVAGLIA, 1997, p. 22).

Quanto a terceira e última concepção da linguagem como forma ou processo de interação precisamos explicitar que a mesma objetiva que o indivíduo faça o ouvinte perceber suas ações. Este último se posicionará perante o que esse sujeito está querendo lhe passar, não há necessidade que saibam a mesma língua, quando isso ocorre classificamos a linguagem como uma interação humana de efeitos comunicativos. Travaglia concebe a linguagem da seguinte forma:

A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 1997, p. 23).

Tais concepções de linguagem abordam fatos sociais. No entanto não será necessário que todos pertençam a uma mesma comunidade, porém deve haver interação em todas as correntes de estudo da língua, rotulada como enunciação lingüística, por tanto, incluiremos todas as correntes e teorias ligadas à pragmática.

Ao tratarmos da língua padrão não podemos esquecer que existem outras formas de comunicação provenientes das variações lingüísticas. Devemos salientar, entretanto que no processo escrito do português o sistema gramatical é

único, pois é totalmente voltado à estruturação lingüística textual dos falantes da mesma língua.

Essa forma gramatical sempre terá ênfase nos textos científicos como nas leis e decretos de governo, no entanto, não devemos deixar de ressaltar que nos textos literários o autor utiliza seu estilo lingüístico, com isso sempre está violando as regras gramáticas para valorizar a estética de seu texto. Desse modo podemos até detectar de que região o autor pertence.

O posicionamento do autor jamais pode aparece quando se trata de textos técnicos, todavia temos que valorizar a elaboração, as estruturas textuais como a coesão, coerência, nesse sentido temos uma anomalia na linguagem literária devido às fugas do padrão básico.

Segundo Perini devemos trabalhar a gramática normativa sem impormos que o ensino padrão dê conta da defasagem que existe em relação à escrita e à leitura, pois deste modo o ensino se torna algo sem prestígio. É nesse momento que acontece desvios da escrita nas produções de textos, neste momento os alunos se vêem diante das complexidades lingüísticas existentes na escola.

A cada passo, o aluno que procura escrever encontra essa arma aponta contra sua cabeça: não é assim que se escreve (ou se fala). Isso não é português e assim diante. Daí só pode surgir aquele complexo de inferioridade lingüístico tão comum entre nós: ninguém sabe português (*PERINI, 1995, p. 33*).

Com o empecilho de não sabermos o nosso próprio português, deparamo-nos com dificuldades na escrita. Isso ocorre com pessoas bem sucedidas que se sobressaem diante de público através da linguagem oral, mas na escrita ficam reprimidas, devido ao fato de ser imposto regras gramaticais que dificultam o uso do português escrito. Entretanto os professores de Língua Portuguesa têm como

obrigação ir contra o que está imposto objetivando transformar o ensino de português em um processo prazeroso.

Referente à gramática normativa não podemos descartar a competência lingüística de cada indivíduo, com isso a gramática internalizada propõe um estudo da inteligência internalizada que cada sujeito tem em mente. Nesse caso, algumas vezes, os alunos podem usá-la de forma “errada” como a gramática normativa enfatiza, mas isso pode ser chamado de desvio gramatical inconsciente, pois esses discentes sabem diferenciar o discurso oral do escrito.

Diante da perspectiva acima não podemos classificá-los como falantes que não sabem explicitar a sua língua, porque conhecem o uso básico, como são as representações de regra e princípios da língua materna. Isso faz parte da reflexão que cada sujeito tem sobre funcionamento da língua dentro da gramática internalizada.

Nesse sentido, a análise do discurso coloca algumas restrições nas classes sociais, tais como: se o aluno vem de uma classe baixa é justificado na condição de suas produções ou oralidade; podemos perceber na oralidade do aluno, quando existe um falante e um ouvinte e ambos trocam de lugar durante a interlocução recíproca. Não devemos deixar de lado a vida social desse discente, sabendo que o aluno não teve as mesmas oportunidades que outros tiveram, não podemos deixar de analisar que a ideologia determina o discurso do sujeito, pois não existe ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, assim a materialidade histórica e a formação ideológica têm que ser contemporânea, através de um processo único.

As instituições escolares pregam a bastante tempo que quem predomina na escola é o discurso pedagógico, sendo assim cabe à escola atribuir personalidades aos alunos, nesse caso o “eu” possuidor de idéias só serve apenas

de suporte das ideologias sociais da instituição, deixando de lado a história de vida do discente.

No entanto não podemos colocar o sujeito como um ser não social e sim como o ideológico, em relação à materialização do seu texto e o seu discurso: “Dessa forma foi finalmente possível pensar a subjetividade na origem do sujeito do discurso.” (GALLO, 1992, p. 22).

Entretanto, os vários discursos se relacionam com a formação ideológica do sujeito, no momento em que a sua história está influenciando o seu contexto. Conforme intelecto sócio-cultural todas as evidências do discurso são criadas da sua ideologia, ou seja, as palavras não têm sentido por si só e sim adquiridas entre classes sociais, isto é, do meio que o sujeito presencia no seu cotidiano.

...no confronto das duas instâncias ideológicas percebemos que há, então, uma subdivisão dentro de um todo complexo. Algo como diversas formas “formações ideológicas” se entrecruzando nos limites de um todo complexo ideológico. Entretanto, há, ainda a necessidade de se pensar a natureza dessas instâncias ideológicas, já que não são idênticas, e se relacionam de formas bastante diferenciadas (GALLO, 1992, p. 22).

Devemos lembrar que a transparência do sujeito se dá pelo próprio esquecimento do seu lugar de inclusão na formação discursiva a que pertence, mas não podemos deixar de lado que nem sujeito, nem o sentido são totalmente transparentes. nesse instante que o indivíduo esquece que dentro dessa formação discursiva “ele” seleciona seus enunciados, isso acontece tanto com o sujeito que não tem consciência, quanto o sujeito consciente. Com esta informação fica provado que o sujeito é interpelado pelas ideologias correntes.

Ideologicamente vem sendo pregado que as desigualdades sociais que

encontramos hoje, são das classes menos favorecidas, nas quais dominam uma população socioeconomicamente privada de recursos financeiros. É viável ressaltarmos a constante discriminação que essa população vem sofrendo em relação ao ensino e aprendizagem.

Devemos explicitar que a educação tentou resolver esses problemas, só que de forma científica, no entanto obteve como resultado que as crianças “pobres” eram privadas de déficit lingüístico, e inclusive de afeto.

Diante do exposto não podemos deixar de analisar o contexto social em que o falante está inserido, uma vez que isso contribui para o desenvolvimento lingüístico do mesmo.

Se fôssemos refletir sobre um país de primeiro mundo, logicamente que todas as falhas sociais, políticas e econômicas seriam levadas em consideração. Não devemos deixar que em nosso país essas deficiências não sejam consideradas superáveis, pois se trabalharmos bem com nossas crianças destruiremos a ideologia popular de que não conseguem superar as dificuldades, no ato de aprender já é proveniente do sistema gramatical “a língua materna”, através de fatores comunicacionais culturais.

Acreditamos que para isso necessitamos trabalhar com a criança o seu vocabulário, seu lugar na sociedade, seu modo de falar, que é simplório, mas valorizando o linguajar popular. Isso significa dizer que precisamos conduzi-las ao aperfeiçoamento estrutural voltado à escrita, pois concebemos a idéia de que é dessa forma que as crianças perceberão que há diferença entre oralidade e escrita no processo comunicativo.

Cremos que o desenvolvimento do hábito da escrita só ocorre mediante ao conhecimento e valorização da gramática internalizada que cada um possui. E

para isso o processo de valorização das variantes lingüísticas e a maneira de como o professor irá conduzir o trabalho com as normas gramaticais, isto é, com a língua padrão é essencial para o êxito comunicativo do discente.

Segundo Paulo Freire aprender a ler e escrever só ocorrerá mediante a prática constante, ou seja, na interação entre o meio social e a escrita. A leitura realizada com criticidade e a liberdade de expor idéias sobre o mundo exterior despertarão nos alunos a leitura dialetista de forma coletiva :

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura daquele que na proposta a que me referi acima; este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que à palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo” quer dizer, de transformá-lo através da prática consciente (FREIRE, 1991, p. 20).

Através da análise do ensino atual, percebemos que os educadores, compromissados com a educação, estão no processo em ensinar e aprender juntamente com seus alunos. É fato que o saber é constante, adquirido através de convivência em grupo e do senso de solidariedade, Assim, todo conhecimento internalizado deve ser compartilhado com objetivo que a aprendizagem esteja coerente, tanto na fala quanto na escrita.

Só educadores e educadoras autoritárias negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos, só eles separam o ato de ensinar quem se supõe

sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe (FREIRE, 1991, p. 27).

O processo de ensinar e de aprender ocorre mutuamente entre o professor e o aluno, através de conhecimento socializados no momento da fala e da escrita. Devem ter consciência de que necessitam adquirir constantemente conhecimentos, dessa forma terão êxito no decorrer da prática pedagógica.

Cabe a cada educador saber como conduzir o discente ao aperfeiçoamento na escrita sem provocar traumas que poderão ter conseqüências graves no seu processo de aprender. “Assim como o não está no grau zero, o professor não está no grau dez e a relação entre eles pode ser fecundo por ambos” (ORLANDI, 1993, p. 40). Para Eni Orlandi ao deixarmos que os alunos expõem suas opiniões, críticas sobre o texto estamos dando oportunidades de compreensão do texto, isto faz com que os discentes consigam chegar a um caminho em que o desempenho seja total tanto na leitura, quanto na escrita.

A escola, no entanto, evita escrupulosamente, incluir em sua reflexão metodológica a consideração de outras formas de linguagem que não a verbal e no âmbito dessa, dá mais valor a escrita que a oralidade. Isso representa a expressão do maniqueísmo escolar, que vê em outras formas de linguagem sua manifestação rebaixada não se trata da capacidade de compreender do aluno e, no interior desta, da sua capacidade de compreender textos escritos. (ORLANDI, 1993, p. 38).

Vemos que a maioria dos educadores, no atual ato de ensinar através da prática, está valorizando o conhecimento de mundo dos alunos, ou seja, o meio

em que eles vivem está sendo representado por produções textuais. Cremos que se não usarmos esses métodos estaremos excluindo os educandos do seu meio social.

Eni Orlandi não valoriza o erro como aspecto lingüístico e sim como gramatical que são ampliados através da aquisição de conhecimentos internalizados.

Portanto, na definição desse aluno-leitor, já temos duas determinações negativas: exclui-se a sua relação com outras linguagem e exclui-se a sua prática de leitura não-escolar. Entre as propriedades desse aluno-leitor podemos então destacar a que o relaciona somente com a linguagem verbal e no interior da escola (ORLANDI, 1993, p. 39).

Em nosso país o discurso a favor da educação é muito antigo, no entanto, nunca saiu do papel. O objetivo é que haja igualdade social, e que a democratização do ensino seja vista como instrumento essencial em nossa sociedade. Acreditamos que só a democratização escolar não seja suficiente para uma organização social. Vemos em nossa Constituição Federal “educação como direito para todos” (Constituição do Brasil, 1988, p. 5) só que isto não reflete a realidade, pois percebemos que essa questão só é usada pelos políticos que não estão no meio educacional.

Esse discurso pela democratização do ensino, ora toma uma direção quantitativa, ora uma direção qualitativa, pois na luta dos menos favorecidos, ou seja, pela busca do saber o povo ainda é vencido, uma vez que não há escola para todos, e devemos salientar que as pessoas que têm acesso acabam discriminando os excluídos do meio educacional. Conseqüentemente essas pessoas formam a base da chamada pirâmide educacional, que vai se construindo através do

processo de exclusão das camadas populares, no âmbito escolar.

Creemos que os políticos deveriam dar atenção às classes menos favorecidas, para que as oportunidades fossem iguais, uma vez que essas pessoas já são privadas de alguns recursos, então não seria justo tirá-los do meio cultural, pois isso seria o mesmo que tirar a autenticidade de sua própria existência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de fazer uma pesquisa para detectar as marcas da oralidade e da escrita, escolhemos a turma. Uma oitava série do período vespertino da Escola Estadual Vale do Guaporé. Depois de feito esta escolha a primeira atividade foi assistir as aulas da professora, porém ela trabalhou com as produções textuais com os alunos partindo de um texto. A seguir a docente pediu para que os discentes fizessem uma produção de texto, no qual recolhemos os textos de alguns alunos, a fim de fazer uma pesquisa com esses discentes. O último procedimento foi fazer uma entrevista com os alunos, para ver qual era a intimidade deles com a Língua Portuguesa.

Nesse momento coletamos os textos dos alunos da turma com o objetivo de analisarmos as marcas da oralidade na escrita.

O último procedimento foi fazer perguntas, nesse caso foram cinco questões orais, desta vez para verificarmos a oralidade dos alunos, ou seja, se eles possuíam o hábito de ler e escrever e quais eram os tipos de leitura que realizavam, isso através de par adjacente.

Nessa pesquisa observamos como a professora trabalha a disciplina a Língua Portuguesa em sua sala de aula. Com isso notamos que o procedimento realizado para o início da produção de texto ocorre através da solicitação de uma breve leitura do texto dado como referência, logo após faz com que seus alunos produzam um texto descritivo relacionando-o com o anterior.

Verificamos, portanto, como a docente destina duas aulas para produções de textos, no entanto detectamos que o tanto de aula que a professora reserva para este trabalho é muito pouco. Através deste processo podemos concluir que isto é a causa primordial da deficiência dos seus alunos no ato da escrita

A COMPLEXIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

A partir de uma pesquisa que fizemos com alunos pré-adolescentes percebemos o quanto eles não gostam de Língua Portuguesa, cremos que isso seja devido à cobrança do falar e escrever “bem” na língua padrão. Na turma em análise, essa antipatia é quase geral, principalmente quando os discentes precisam falar com formalidade.

O fato da língua oral ser social garante ao sujeito poder utilizá-la conforme suas necessidades específicas no processo comunicativo. No entanto não é isso que vemos acontecer com a maior parte dos professores, pois ficam muito presos às regras normativas.

De acordo com os teóricos pesquisados o fato da língua ser considerada como social, já é motivo suficiente para que ela mereça atenção especial por parte da escola.

O papel da escola, portanto, é proporcionar aos alunos a observação do funcionamento da língua enquanto espaço de interlocução, para que estes percebam que há diversos falares. Assim, é diferente interagir com familiares e amigos do que com pessoas desconhecidas. Nesse sentido, o domínio da modalidade oral não se dá da mesma forma em todos os tipos de textos utilizados.

Quanto aos papéis dos participantes, salienta que, como, participantes de situações sociais, somos requisitados a nos comportarmos de um modo particular numa determinada situação e de modo diferente em outra. Assim, podemos desempenhar simultaneamente vários papéis; entretanto, um dos papéis sociais normalmente destaca-se e determina que tipo de fala devemos usar em situação social particular (FÁVARO, ANDRADE E AQUINO, 2002, p. 42).

O que acontece de fato, é que a escola privilegia a língua escrita em detrimento da oral, e de certa forma desconsidera esta como variedade da língua. É como se a escrita fosse o único meio de comunicação “certa”.

Isto nos leva a pensar que a escola não conhece o real funcionamento da língua no Brasil, ou acredita fazer mais sentido o que ainda não se conhece “escrita”, uma vez que, a língua oral preexiste à escola.

Com o tratamento que vem sendo dispensado à língua os alunos ficam presos, isto é, sem saber como fazer com os textos escritos. Os quais poderíamos dizer, muito superficialmente, que língua falada é como uma representação fônica abstrata e a língua escrita como uma descrição gráfica e concreta. No entanto, a língua escrita precisa de ter uma boa unidade, ou seja, ter a idéia principal e secundária.

Neste caso deve existir a coerência que é a seqüência de sentidos dentro dos parágrafos, todas as palavras usadas devem ser exploradas, a linguagem deve ser clara e objetiva, fazendo com que a leitura seja de fácil compreensão.

Ao mudarmos de parágrafos jamais podemos, isso de forma brusca, e sim com um certo encadeamento de idéias e uma coesão harmoniosa.

A coesão revela-se, às vezes, por meios de marcas formais na estrutura lingüística, manifestando-se na organização seqüencial do texto sendo percebida na superfície textual em seus aspectos léxicos, sintáticos e semânticos, outras vezes, vem subentendida, não marcada lingüisticamente (FÁVERO, ANDRADE E AQUINO, 2002, p. 47).

O que podemos verificar, é que a escola propõe atividades esvaziadas de sentidos, ficando o aluno sem ter o que dizer e tão pouco ter para quem dizer e ainda trabalha apenas uma modalidade de texto, o escrito. Ao produzir o discente

não pode fazer uso da própria linguagem e sim aplicar modelos preestabelecidos pelos valores sociais privilegiados, ou melhor, utiliza no seu texto uma certa concepção da modalidade culta que nunca ou raramente é usada por ele no seu dia-a-dia, como: inversões sintáticas, conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, uso do pronome relativo etc.

O primeiro passo será, então, fornecer ao aluno condições para que obtenha uma imagem adequada do seu dialeto padrão, principalmente, se este for de classe não privilegiada. Esta imagem pode ser obtida pelo menos de duas maneiras:

A primeira é definir dialeto padrão, apresentar dois exemplos e assumir que o único contato com a língua culta se dará pela interação professor/aluno, o segundo é colocar o aluno em contato direto com o dialeto padrão, propiciar oportunidades para que faça uso dessa variedade lingüística. Considerando esta última, seria o mesmo que dizer, é usando que se aprende a usar a língua (RAMOS, 1997, p. 24).

Daí a necessidade de apresentar em sala de aula o maior número possível de textos orais, em norma culta, em situações reais de usos, a fim de que o aluno perceba que há diversidade nas produções orais, essas dependem da função, isto é, da situação em que o discurso se realiza. Partindo desse ponto o professor pode cobrar mais no texto escrito de seus alunos, tendo em vista que eles já sabem colocar suas palavras na língua padrão.

Analisaremos os textos orais e escritos, respeitando a classe social, o grupo étnico, ocupação e educação de cada aluno, deste modo verificaremos o grau de responsabilidade de cada indivíduo na hora de sua produção oral e escrita.

Nesse sentido, devemos destacar que esta atividade foi proposta aos

alunos com a intenção de analisar a oralidade e a escrita. Como eles iriam se comportar diante das situações. Este primeiro texto foi feito através de par adjacente foram cinco questões sobre seu dia-a-dia, o segundo texto, como já dissemos foi uma sugestão da própria professora da sala.

Esses textos foram produzidos pôr uma aluna, M.S.R, quinze anos, oitava série do ensino fundamental de uma escola da rede pública da cidade de Pontes e Lacerda - MT.

A-TEXTO FALADO: (par adjacente)

1ª- Que tipo de filme você assistiu pela última vez?

U filmi qui eu mais gostei foi Senhor dus Anéis fala sobri ficção

2ª- Que tipo de música você gosta ? Por que?

Música romântica.

Pur causa qui assim é mais levi, eu num gostu de música pesada.

3ª- Qual foi o último livro que você leu? O que achou em relação ao livro?

U livru qui eu li é di poema.

Purque eu gostu di livru di poema é assim... fala sobri coisas românticas e muitas outras coisas legais também e não só coisas românticas como muitas outras...

4ª- Que dança você mais gosta?

Eu gostu di forró pur causa qui música qui eu mais gostu, nunca gostei di dança balanço, rasquiado, lambadaessas outras nuca gostei, gostei mais di forró.

5ª- Você gosta de produzir texto? O que te preocupa nesta produção?

A... eu gostu di produzi textu.

Só nun gostu da professora fala, há tá tudu erradu, tem qui apagá faze tudu di novu, mais eu gostu di produzi textu.

B- TEXTO ESCRITO:

A estrutura da escola

A escola é onde juntam muitos indivíduos Para aprender algo, a escola é um grupo social.

Tambem pode ser vista como um grupo cheio de regras, e um lugar onde todos valorizam e também transmissão de cultura Os professores e funcionarios também ensinam culturas para os alunos desenvolvem processos otimos.

Os professores vão a escola para ensinar e educar os alunos esse grupo de professores tem o direito de colocar ordem na sala de aula e normas para que os alunos obdeçam.

Os textos foram elaborados diferentemente o primeiro por perguntas e respostas, no caso o falado, e o escrito proposto pela docente da sala. Podemos detectar no texto falado as repetições de palavras que são chamados de marcadores conversacionais (“eu gostu”, “pur causa”, “di livru”, “num gostu”), a aluna usa esse tipo de pronúncia acreditamos que seja pelo regionalismo e a gramática internalizada notamos que isto ocorre na dualidade constitutiva da língua-materna, como na troca em que a discente faz do **o** pelo **u**, no qual chamamos de termos lingüísticos ocasionados pela linguagem em que o autor está inserido, observe:

gosto = gostu
 por = pur
 livro = livru

Isto ocorre pela organização textual da fala que exhibe maior frequência de redundâncias, repetições, elipses, e autocorreções, ou seja, a oralidade tem esta tendência sintática específica geral da língua.

Assim, estamos concebendo os fenômenos lingüísticos dominantes e secundários no discurso, como uma variação discursiva, instaurando a solidariedade conversacional entre os falantes, na medida em que propiciam dinamismo e continuidade à interação.

A noção de tópicos todavia, é mais complexa e abstrata. É verdade que poderíamos dividir (segmentar) um texto conversacional em fragmentos recobertos por um mesmo tópico. Acontece, porém, que cada conjunto desses fragmentos irá, constituir uma unidade de nível mais alto, várias dessas unidades, conjuntamente, formarão outra unidade de nível

superior e assim por diante (KOCH, 1997, p. 72).

Neste mesmo sentido, podemos pensar que uma conversação descontinuada poderia prejudicar a unidade conversacional, ou seja, o sentido dos enunciados, nos quais os falantes estão inseridos. Em outras palavras, esta não seqüência de regras que no primeiro momento parece-nos prejudicar, a partir do momento em que o aluno tiver maior contato com a língua a tendência das incoerências é desaparecer.

Apesar de que no texto escrito o autor dispõe de tempo para escrevê-lo, alguns alunos ainda cometem alguns equívocos como: incoerência, concisão, não ter clareza no que está escrevendo, cometem muitas repetições e passagens grotescas de um parágrafo para o outro.

Não é que temos no segundo texto, o autor se preocupa em seguir uma seqüência de idéias, porém o texto é produzido sem ter uma preocupação lógica com a gramática normativa, com isso a M.S.R deixa passar vários pontos gramaticais como; pontuação, acentuação e letras maiúsculas quando necessário, esquecendo das regras gramaticais.

Coerência deve ser entendida como unidade do texto. Um coerente é um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar, de modo que não haja nada destonoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo. No texto coerente, não há nenhuma parte que não se solidarize com as demais (SAVIOLI e FIORIN, 1997, p.120).

No referido texto, podemos observar a falta dos conectivos para desenvolver a significação coesa dos enunciados, no entanto o texto apresenta nível de coerência, M.S.R sabe colocar as palavras corretamente na língua padrão, porém a gramática internalizada não a influencia na hora de escrever,

pois não há a troca de vogais como no texto falando, onde a mesma troca o pelo u. Temos várias palavras com essas terminações e estas são escritas de forma correta;

algo=
grupo=
como=
todos=
funcionários=
processos=
otimos=
alunos=
direitos=

Através desta forma de escrever percebemos que o autor consegue articular as palavras priorizando-as adequadamente ao nível estrutural da gramática normativa, sem deixar marcas da oralidade no nível ortográfico.

Todo sistema de escrita tem um compromisso direto ou indireto com os sons de uma língua, e como as línguas invariavelmente e mudam com o tempo o transformando a forma fônica das palavras, a escrita começa a ser de difícil leitura. Historicamente, muitos sistemas ideológicos foram se reformando e acabaram incorporando muitos elementos de escrita fonográfica (CAGLIARI, 1997, p. 40).

Vemos no texto que o autor transpõe o texto oral à modalidade escrita através do sistema fônico, no qual teremos alguns 'sistemas ideográficos' no texto escrito decorrente da incorporação fônica do autor. Acreditamos não deveria estar acontecendo este desvio, o autor cursa a oitava série do primeiro grau.

A- TEXTO FALADO: (par adjacente)

1ª-Que tipo de filme você assistiu pela última vez?

Eu gostu di filmi di ação, porque é filmi di ação, eu gostu di filmi di ação.

2ª-Que tipo de música você gosta? Porquê?

Eu gostu di todas
purque não existi música ruim, sei lá todas.

3ª- Qual foi o último livro que você leu? O que achou em relação ao livro?

O homi qui sabia fala javanéis, o livro é muito interessante di Lima Barreto.

4ª- Que dança você mais gosta?

A dança qui eu mais gostu é forró purque é legal.

5ª- Gosta de produzir texto? O que te preocupa nesta produção?

Eu gostu di produzi.

Agora u qui mi preocupa é si u texto tá rum, si tá mau produzido. Sei lá!

B- TEXTO ESCRITO:

Nenhum homem é uma ilha

O nome do texto questiona a vida humana, será que alguém posemunião amigos, taser trabalho.

Até hoje ninguém conseguiu essa façanha. Mas quem sabe não tem “alguém” que queira-se aventurar e tentar se ezilhar, isso so o tempo pode ver. Mas eu por enquanto continuo com essa opinial, ninguém consegue viver sem trabalho, sem estudo, tazer, amigos sem paz, até mesmo sem solidão.

Temos dois textos diferentes para analisarmos, na forma oral e escrita, no entanto, na realidade o ato da fala, ou melhor, seu produto, não pode ser considerado como ato individual no sentido estrito do termo. A enunciação é de natureza social, uma vez que o sujeito falante desempenha papel fundamental na construção do significado, integrando todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, no qual vinculam a linguagem à ideologia.

No texto falado o autor P.R. faz colocações no seu enunciado que comprovam a pouca intimidade do mesmo com a língua portuguesa. Colocaremos os destaques da oralidade da aluna, onde a mesma faz a troca de algumas vogais e até mesmo de consoantes como a letra o/u, e/i e em/i;

gosto = gostu
porque = purque

muito = muitu
 produzido = produzidu
 de = di
 filme = filmi
 homem = homi

Ao analisarmos as palavras do texto falado, precisamos observar a situação do discente, isto é, e verificar que nível de contato que ele tem com os falantes dessa variação lingüística, pois muitas vezes criamos uma imagem inadequada do que seja dialeto padrão por não conhecer o real uso do mesmo. “A sociedade é rígida por leis públicas que todo cidadão deve conhecer. Acontece, porém, que as leis são escritas numa linguagem que nem todo cidadão consegue entender”(CAGLIARI, 1987, p. 80). Isto posto vemos que o discente realmente não conhece a norma culta da língua, devido ao seu pouco contato com o grupo social que domina a língua culta.

Além disso, verificamos no texto escrito de P.R vários desvios ortográficos, ao lermos o texto temos algumas palavras que também denunciam a pouca intimidade do autor com a leitura.

Detectamos pela escrita do autor que os “erros” ortográficos produzidos são reflexos da dificuldade de transpor o pensamento na forma escrita. O autor troca por exemplo, f/t, x/z e o/l:

fazer = tazer
 exilar = ezilhar
 opinião = opinial

Outra hipótese para que isso ocorra pode advir da má formação, na sua alfabetização. Teoria e prática mostram- nos que os problemas decorrentes das séries iniciais, conseqüentemente ocasionarão sérios desvios de grafia o que afeta sobremaneira o linguajar culto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula é uma arena na qual podemos visualizar a função social da linguagem em plena atividade, pois nesse local emergem discussões, opiniões e conflitos que possibilitam o diálogo. Nesse sentido, é nesse espaço que se processa o ensino-aprendizagem e que constituem-se socialmente os sujeitos que se interagem por meio da linguagem.

Esta constatação nos serve de convite à reflexão de nossa responsabilidade como profissionais atuantes num espaço tão propício para crescimento e favorecimento do processo de individualidade. É interessante descobrir o que nossos alunos estão querendo dizer por meio de manifestações, muitas vezes para nós professores. Essa descoberta instigante para o docente comprometido com a educação desenvolverá a compreensão da dinâmica viva em sala de aula, através do uso da linguagem.

As informações teóricas são necessárias e por isso precisamos conhecê-las e torná-las mais eficientes, isto é, diminuir a distância entre teoria e prática. A precariedade no ensino ocorre mediante à falta de pesquisa com os estudiosos na área de linguagem. Talvez a falha esteja em nós, professores, de ensino fundamental e ensino médio que não nos vemos como pesquisadores.

Em outras palavras, o professor precisa levar em consideração a língua falada no sentido de mostrar aos alunos as diferenças nas estruturas sintéticas e sentimentais de textos escritos, pois não há como ensinar a reestruturar um texto sem mostrar “erro”. Não se trata de colocar distinções, mas de estabelecer diferenças estruturais, entre as modalidades da fala e da escrita, as quais pertencem ao mesmo sistema lingüístico: a língua.

Desta forma dois objetivos estarão sendo cumpridos: primeiro, o papel

do professor que é o de aperfeiçoar as habilidades comunicativas dos alunos em sociedade, e segundo, é contribuir para melhoria da produção da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Constituição(1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro gráfico, 1988
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & lingüística**, 10 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- FÁVARO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. O.; AQUINO, Z. G. **O Oralidade e escrita a perspectiva para o ensino da língua materna**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 25. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.(Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 4)
- GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, S. P: Editora Unicamp, 1992.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilhaça. **A inter-relação pela linguagem**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**, São Paulo: Cortez; Campinas, S.P: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- PERINE, Mário. **A gramática descritiva do português**, São Paulo, Ática, 1995.
- RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SAVIOLI, Francisco Platão.; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**. 13 ed. Editora Ática, 1997.
- SOARES, Magda. **Linguagem na escola/Uma perspectiva social**. 14. ed. Editora

Ática S.P. 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta de ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ANEXOS

A Estrutura da Escola

A escola é onde muitos indivíduos
vão aprender algo, a ler e um

grupo social.

Além disso, pode ser vista como um grupo

de pessoas, e um lugar onde todos

aprendem a trabalhar e a cultura

é desenvolvida. A escola é um lugar

onde as crianças aprendem

o mundo.

Os professores não a usam para ensinar

e alunos os alunos, mas para ensinar

o mundo e a cultura.

Um grupo social é um

grupo de pessoas que vivem

em um espaço.

Rentes e Locação MT.
19/03/03

Flávio Henrique e Vene Alho

O nome do texto questiona a vida financeira, seja que alguém pode ficar sem mais amigos, seja, babado.

Ate hoje ninguém conseguiu essa facanha. Mas, quem sabe não tem alguém que queira se aventurar e tentar a qualquer, isto se o tempo pode vir. Mas se por enquanto continue com esta opção, ninguém conseguirá viver sem babado, sem estudo, lazer, amigos sem pagar, mesmo sem beldades.